

# Felicitações pelo acordo continuam a chegar

Vários países e organismos continuam a enviar aclamações escritas ao carácter público através do nosso Jornal para saudar a assinatura do Acordo Geral de Paz, que ocorreu domingo em Roma entre o Governo e a Renamo. Nas suas mensagens, os subscritores das mensagens congratulam-se pelo passo gigantesco à caminho da reconstrução nacional e apelam às partes para o estrito cumprimento dos compromissos assinados na capital italiana.

"Por ocasião da celebração do Acordo Geral de Paz, assinado no pretérito dia 4 de Outubro, em Roma, na Itália, o Conselho Judicial da Magistratura Judicial felicita todo o povo moçambicano e associa-se ao movimento de júbilo e esperança na grande família moçambicana nesta hora de fraternidade, solidariedade e reconciliação nacional que anunciam um futuro de liberdade, justiça, estabilidade, progresso e felicidade para o nosso país", diz a mensagem daquele órgão, assinada pelo respectivo presidente, Dr. Máio Mangaze.

O Conselho Superior de Magistratura Judicial saudou as mulheres e os homens moçambicanos e todos aqueles que, directa ou indirectamente, deram o seu contributo e tornaram possível o reencontro histórico de toda a Nação, viabilizando o início da concretização dos anseios de paz e de prosperidade.

Os juizes e funcionários dos tribunais judiciais assumem através da sua missiva pública o Acordo Geral de Paz como um compromisso de todos os cidadãos moçambicanos de renunciarem definitivamente à guerra, à destruição e à violência e de buscarem na compreensão, no diálogo e no respeito mútuo, a resolução de todas as suas diferenças e a conciliação dos seus interesses eventualmente conflitantes.

**Os magistrados judiciais e oficiais de Justiça têm consciência da enorme responsabilidade que lhes incumbe na administração da Justiça**

e na garantia da liberdade dos cidadãos e, solenemente, reafirmam a sua fidelidade aos superiores interesses da Nação e aos princípios da Independência e de isenção na realização das suas tarefas, refere a nota.

Igualmente, a Associação Moçambicana dos Desmobilizados de Guerra (AMODEG) saudou calorosamente o Presidente da República, Joaquim Chissano, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, pelos esforços empreendidos até à assinatura da paz e também saudou as delegações que se encontravam envolvidas nas discussões do acordo de cessar-fogo.

A UNAMO (União Nacional Moçambicana), já oficializada, congratula-se através de um comunicado enviado à nossa Redacção pelo alcance do acordo de paz.

É de louvar o trabalho árduo que a mediação estrangeira desencadeou desde o princípio das negociações, porque se não fosse ela, o acordo não seria assinado e continuariam a mortalidade e o sofrimento do povo moçambicano, frisa a nota assinada pelo Presidente da UNAMO, Carlos Alexandre dos Reis.

Esta força política emergente e o segundo partido já registado depois da Frelimo "exorta os beligerantes para o cumprimento do acordo assinado em Roma e salienta que apoiará a consciencialização do povo moçambicano a perder o medo, porque não pode exercer nem implementar a democracia multipartidária com medo, mas com total liberdade, respeito e amor".

Por sua vez, o Congresso Islâmico de Moçambique diz num comunicado que endereçou ao "Notícias" que "dentre os vários factores, essa guerra relegou-nos para a situação mais pobre do mundo, apesar de sermos potencialmente um dos mais ricos da região".

O assinar do documento de concórdia cria bases para uma nova vida de esperança visando o bem-estar, harmonia e desenvolvimento, dando ao Homem o seu verdadeiro lugar na Sociedade, onde desenvolverá o papel que lhe cabe por natureza, refere o documento.

O presidente desta confissão religiosa, Hassan Ismail Makda, que assinou o comunicado, aproveitou a ocasião para manifestar profundo reconhecimento e orgulho pelo convite que foi endereçado pelo Governo moçambicano para assistir à cerimónia da assinatura em Roma do Acordo Geral de Paz.

Os Estados Unidos pronunciaram-se segunda-feira sobre o Acordo Geral de Paz para Moçambique e afirmaram que a atenção se deve agora centrar no combate à fome.

O acordo põe fim a um longo conflito civil em Moçambique, a última grande luta armada na África Austral, disse o porta-voz do Departamento de Estado, Richard Boucher.

A Casa Branca disse esperar agora que todas as partes redobrem os seus esforços para superar a severa crise

humanitária que o país atravessa, provocada pela guerra e seca.

Há informações de que centenas de milhares de moçambicanos estão a passar fome em áreas remotas, disse o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, citado pela AIM, acrescentando ser necessária uma rápida acção internacional para se evitar uma catástrofe humana em grande escala.

Boucher disse que o acordo não teria sido possível sem a mediação do Governo italiano e de apoio de vários países, nomeadamente Zimbábue, Portugal, Botswana, Quénia, França, Grã-Bretanha e África do Sul. Apelo para que todos continuem envolvidos no processo e assegurem a implementação efectiva do acordo.

Por seu turno, o Japão anunciou a sua saudação pela assinatura domingo do Acordo Geral de Paz para Moçambique.

De acordo com o porta-voz do Ministério nipónico dos Negócios Estrangeiros, Sadaaki Numata, o acordo deverá acelerar ainda mais as esperanças de paz noutras regiões do continente africano.

Numata acrescentou que o seu Governo espera que o acordo seja respeitado por ambas as partes e que no mais curto espaço de tempo surja um Moçambique democrático através da realização de eleições livres, segundo notícia a LUSA.

Moção similar de congratulações foi ainda recebida na nossa Redacção. A República Federal da Alemanha saudou o Acordo Geral de Paz assinado em Roma entre o Governo e a Renamo.

De acordo com o comunicado emitido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, Klaus Kinkel, "assim, fica finalmente livre o caminho para o fim de uma das mais sangrentas e cruéis guerras civis em África, ao mesmo tempo melhoraram decisivamente as perspectivas para um livre desenvolvimento em toda a África Austral".

O chefe da diplomacia alemã espera que "a partir de agora muitos milhões de moçambicanos que se encontram em perigo de morrer de fome devido à guerra civil e à seca na região poderão ser ajudados com eficiência.

O mundo não pode esquecer a desgraça das pessoas em Moçambique por causa da Somália, disse o MNE da RFA, para acrescentar o seu apelo a ambas as partes para que controlem eficazmente as suas unidades militares, impeçam os ataques aos comboios de auxílios e apoiem as organizações internacionais no seu trabalho humanitário.

O Zimbábue, por seu turno, através do seu Presidente, Robert Mugabe, disse que retirará as suas tropas de Moçambique logo que a segurança nas vias de acesso ao mar esteja assegurada.

Mugabe, segundo a LUSA, que comentava terça-feira o acordo de paz de 4 de Outubro em Roma entre o Governo moçambicano e a Renamo, afirmou-se satisfeito com a retirada dos cinco mil soldados zimbabueanos estacionados em Moçambique.

O acordo assinado domingo determina um prazo de 30 dias para a retirada das tropas de protecção dos "corredores" rodoviários e ferroviários que permitem acesso ao mar, do Zimbábue, através dos portos moçambicanos de Beira e Maputo.